

Eu creio, ajuda a minha pouca fé

irmão François

Eu creio, Senhor, ajuda a minha pouca fé

Como é que a Bíblia pode falar, num sítio, de «plena segurança da fé» (Hebreus 10,22), logo de uma plena consciência da fé e, noutro, de uma «fé como um grão de mostarda» (Lucas 17,6) semelhante à semente mais pequena do jardim? Como devemos entender a relação entre estas duas afirmações, como situá-las no concreto da nossa vida? O pai do rapaz epiléptico ousou dizer a Jesus numa só frase, com toda a força que vem da angústia: «Eu creio! Ajuda a minha pouca fé!» (Marcos 9,24).

A fé pode ser sentida como uma realidade austera. Dizemos com facilidade que «só a fé» deve bastar. Insistimos no despojamento: quem crê deve contentar-se em não ter mais nada, em não ter nenhuma prova, em não ter visto, em não saber e nem sequer compreender, em não sentir. E, apesar disso, haverá alguma coisa que determine tanto a nossa vida como esta fé aparentemente tão austera? Nada influenciou tão profundamente as decisões de uma vida nem garantiu a continuidade desse caminho como essa pouca fé que é quase nada. Podemos dizer sem receio de nos enganarmos que a fé é tudo na nossa vida e, em última instância e com a mesma legitimidade, que não é quase nada. É impossível mostrar o que é a fé em si mesma. Não a tenho, não é minha. A dúvida acompanha-a de perto, pisa-lhe os calcanhares, como tão bem exprimiu o pai do rapaz epiléptico no seu pedido.

Assim, será que a dúvida é como o bicho que existe à partida no fruto e que acabará por fazer com que este apodreça e caia ao chão? Não necessariamente. Se podemos ter dúvidas é porque Deus não nos impôs nada e respeita sempre a liberdade do nosso coração. Poderíamos sentir-nos tentados a dizer: isto acontece porque Deus tem confiança em nós e deseja ter connosco uma relação sem quaisquer restrições. A dúvida pode tornar-se perigosa: sob ela abre-se um abismo. Mas não podemos tratá-la como se de um elemento estranho ou falso se tratasse. Ela existe porque a fé existe.

Na verdade, o contexto em que vivemos hoje em dia torna a presença da dúvida mais insistente do que nunca. Antigamente podíamos acreditar com toda uma comunidade crente, apoiados pelas convicções de um corpo social, quer este fosse a paróquia, quer a Igreja no seu todo. Hoje, mesmo quando nos apoiamos na fé de todas as outras testemunhas, este apoio do corpo social já não funciona da mesma maneira. A fé tornou-se muito mais pessoal. Distingue-nos muitas vezes dos que nos são mais próximos. E, ao tornar-se um percurso pessoal, torna-se inevitavelmente mais frágil.

Para além disso, a ciência moderna tende a confinar a fé ao domínio do estritamente interior. Muitas vezes sem querer, pode atingir a fé na sua natureza, porque a fé em Cristo inscreve-se sempre na História e abre-nos a uma missão nesta terra. Relegando a fé para o domínio interior, tanto as ciências exactas, como as ciências humanas, tais como a Psicologia, podem torná-la muito mais frágil, pois ao retirar à fé o seu impacto na vida concreta, desligam-na da História. E é igualmente a dúvida sobre este impacto que se torna mais insistente. Não podemos, no entanto, queixar-nos desta situação. Porque a verdadeira natureza da fé continua a revelar-se da mesma forma.

O movimento para Jesus

Repetimos muitas vezes, e com razão, que no Novo Testamento acreditar não consiste em ter por verdadeiras nem em aceitar verdades difíceis de compreender. No Novo Testamento, a fé tão-pouco se apresenta como essa grande provação que caracterizou alguns meios judeus do tempo de Jesus quando as promessas de Deus tardavam em realizar-se.

Podemos dizer que, no Novo Testamento, a fé surge primeiro sob a forma de um movimento e que consiste numa caminhada, o de «ir a Jesus». Talvez devêssemos dizer que antes de ser um «movimento para», a fé é essencialmente uma sede, um desejo: «se alguém tem sede, venha a Mim; e quem crê em mim, que sacie a sua sede» (João 7,37). Se, neste texto, São João põe em paralelo «ir a» e «crer em» (cf. 6,35), ao mesmo tempo ele sabe que este «ir a Jesus» depende, no fundo, de uma secreta atracção que o Pai já exerce sobre o coração (6,44).

Em primeiro lugar, a fé não diz respeito a certas verdades ou promessas para o futuro, nem mesmo a revelações sobre a existência de um Deus transcendente. Ela começa por um «ir ao» encontro da pessoa de Jesus e este «ir» nasce muitas vezes de uma sede. Em segredo, o coração já foi trabalhado. Já foi atraído. Com a encarnação, com a presença de Jesus como ser humano, a fé reveste-se, em primeiro lugar, de uma forma extremamente simples: um desejo pode conter em si mesmo o início da fé; um movimento é já o princípio de um caminho.

Em várias passagens do Quarto Evangelho, podemos acompanhar percursos como este. O capítulo 9 conta a cura de um cego de nascença. No princípio, este só sabe que foi curado por aquele «homem que se chama Jesus» (v. 11). Mais à frente afirma que «é um profeta» (v. 17). Perante a contestação, dá ainda mais um passo: só pode ser um homem de Deus, porque se não viesse de Deus, não teria podido fazer nada (v. 31 e 33). Por fim, quando reencontra Jesus e descobre n'Ele o Filho do Homem, prostra-se diante d'Ele e diz «eu creio» (v. 35-38). Que caminho percorrido! A princípio apenas noções vagas, de seguida uma penetração no mistério e por fim um gesto de adoração. Ele, que não via nada, está de tal forma conquistado que o facto de ver já não é assim tão importante. Para ele a luz passou a ser interior e essa luz basta.

No capítulo 20 também se desenham várias caminhadas. Pedro e João correm para o túmulo. Encontram-no vazio, com as vestes muito bem arrumadas. Do discípulo amado, o Evangelho diz que «viu e acreditou» (v. 8). Não se diz em que é que acreditou. Teria tido um pressentimento? A Maria de Magdala foi dado ver o Ressuscitado. Reconheceu-O quando Ele a chamou pelo seu nome (v. 16). Na tarde do mesmo dia, os apóstolos também puderam ver Jesus. Viram as marcas da Paixão. Mas foi soprando sobre eles, enchendo-os da Sua própria vida que Jesus colocou a fé dentro deles (v. 20 e 22). Neste capítulo o caminho só se conclui com Tomé. Este não podia acreditar, mas, na presença de Jesus, ficou perturbado, certamente porque as marcas da Paixão estavam diante dos seus olhos, mas provavelmente também porque, e principalmente por isso, se apercebeu de que Jesus leu o seu coração. Quando Tomé diz: «Meu Senhor e meu Deus!», a última palavra evoca de novo a adoração (v. 27-28).

Cada um pode reter para si um ou outro elemento destes percursos. O que é mais impressionante, parece-me, é que, por um lado, começam com muito pouco e, por outro, ao longo do caminho Cristo está muito mais presente do que aquele que procura poderia supor. Podemos dizer também de nós mesmos: pusemos-nos a caminho com quase nada e, à medida que íamos avançando, demo-nos conta de que Aquele a quem íamos já nos conhecia. Uma atracção da Sua parte ia à nossa frente. A fé não é da ordem do que se pode medir, porque não consiste apenas num «movimento para». Ela é já em si mesma presença d'Aquele a quem vamos.

Cristo em nós pela fé

Quando Jesus deixa de estar fisicamente entre os seus, o movimento ao encontro d'Ele deixa de se traduzir numa deslocação – um ir ao encontro e segui-l'O – como acontecia antes da ressurreição. Aquele que acredita n'Ele continua a fazer um caminho, mas este consiste em abandonar-se n'Ele, em entregar-se e reservar para Ele um lugar. O paradoxo da fé torna-se assim mais evidente: a fé é simultaneamente quase nada e o que conta acima de tudo. Consiste em abrir-Lhe constantemente a porta do nosso coração, mesmo sabendo que Ele já está lá dentro. Haverá alguma coisa mais pobre, mais gratuita do que isto: abrir a alguém que já entrou? Cristo não vive em mim como um estranho que quer desalojar-me. Ele está presente como alguém que me ama, que se pôs no meu lugar, que no Seu amor está no mais profundo de mim mais do que eu próprio. No entanto, sou eu que tenho de Lhe abrir a porta constantemente, porque entre Ele e eu é tudo pessoal, nada se faz sem mim, de forma automática. Trata-se de uma relação viva.

São Paulo exprime isto com grande delicadeza: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gálatas 2,20). Cristo está presente, pois tendo acreditado n'Ele nós entregámo-nos a Ele: já não sou eu que vivo, é Ele que vive em mim. Contudo, enquanto estamos nesta vida, só podemos viver esta realidade na fé, entregando-nos constantemente a Ele, abandonando-nos a Ele, abrindo-Lhe o nosso coração.

É também neste sentido que podemos compreender São João, quando descreve a fé como «o poder vitorioso que venceu o mundo» (1 João 5,4). São João não quer sugerir que devamos levar a nossa fé a um tal ponto que o mundo deixe de ter poder sobre nós e de nos poder seduzir. Não. São João lembra-nos que tendo vindo pela fé, deixámos Cristo entrar na nossa vida e que assim o mundo foi desmascarado em nós com tudo aquilo em que nos quer fazer acreditar. Passamos assim a ter a porta do nosso coração aberta a Cristo, Ele que «é mais poderoso do que aquele que está no mundo» (1 João 4,4). A partir desse momento podemos dizer que é Ele a nossa fé.

São Paulo usa, aliás, uma expressão curiosa: «a fé de Cristo» (Filipenses 3,9, por exemplo). Não se trata, pois, apenas de uma fé em Cristo, ou seja de um reconhecimento de quem é Cristo e de um abandono, de uma confiança n'Ele. Há mais: a fé vem d'Ele, como um dom, esta fé é a fé de Cristo e eu recebo-a como aquilo que me une a Ele e me faz viver como Ele. Mais uma vez a minha parte na fé parece ser quase nada. E, no entanto, com a fé tudo me é dado. Esse «quase nada» determina a minha maneira de ser.

Quem és Tu?

Chegado a este ponto da minha reflexão, detenho-me agora em duas perguntas que podemos encontrar nos Evangelhos: uma colocada a Jesus e outra em que é Ele que nos interroga.

Em primeiro lugar, a pergunta que as multidões fazem a Jesus: «Quem és Tu, afinal?» (João 8,25).

Acreditar é difícil. Isto deve-se à natureza da fé, porque acreditar expõe-nos ao que não pode ser provado. Na medida em que a fé é autêntica, haverá sempre fragilidade nela, uma fragilidade que Lhe é inerente. No entanto, a dificuldade em acreditar reside também na identidade deste Jesus no qual eu creio. Queria perguntar-Lhe: «Quem és Tu, afinal?» Mesmo se é verdade que a fé é em si frágil, em última instância a interrogação vem-nos da tua pessoa, Senhor Jesus. Quem és Tu, afinal?

Se tivesses sido uma grande figura religiosa, poderia admirar-Te e tomar a tua vida e os teus ensinamentos como modelo de vida. Mas ficaria distante e não acreditaria em Ti. De tanto Te evocar interiormente poderia tornar-Te próximo de mim, mas a fé ficaria de lado, não me abandonaria. Talvez até pudesse sentir que não tinha percebido quem Tu eras.

Mas foste tão diferente das grandes figuras religiosas da humanidade. É verdade que foste muito religioso: os Evangelhos relatam a forma como oravas. Mas até nesse campo continuas a ser diferente. A Tua vida assemelha-se tão pouco a uma subida penosa. Nunca Te apresentas como uma exceção genial da humanidade. Não foram a ascese, a meditação, a luta ou o sofrimento que contribuíram para que atingisses um estado superior de experiência. O movimento da tua vida é outro. Não é uma lenta conquista, uma dura iniciação, um aperfeiçoamento progressivo. Fazendo um percurso normal de evolução em termos de crescimento humano, Tu és um ser que, desde o início, vive como um dom. Está tudo em Ti, no que aceitaste ser, ou seja na tua natureza.

Pelo que dizes de Deus não parece que O tenhas descoberto depois de um longo caminho. Falas d'Ele como se fosse tudo evidente. De tal forma que sabes falar d'Ele de uma maneira que até uma criança é capaz de compreender. E quando nos dizes para amar os inimigos – verdade que constitui a chave de toda a existência humana na terra, verdade última para além da qual não é preciso procurar qualquer outra mais profunda –, expressa-la não como fruto de uma laboriosa procura, mas como uma evidência dada com aquilo que és. Não precisas de justificar este chamamento, de apresentar as razões desta verdade. Na tua boca, ela é simples e clara.

A necessidade que marca toda a experiência humana, necessidade de vencer, de conseguir, não caracterizam a tua vida. Pelo menos quando leio os Evangelhos, pareces, acima de tudo, receber, receber sempre. O teu próprio ser é inteiramente um dom do Alto. A linguagem simbólica di-lo bem: Tu és Aquele que vem do Alto (João 3,31). Vens de outro lugar. Há na tua vida uma naturalidade, uma inocência que só se explica desta maneira. A tua origem parece, de facto, diferente da nossa. Nem mesmo os mais religiosos e os mais cultos foram tão simples.

Quando tenho dificuldade em explicar-me o teu nascimento e a tua ressurreição, basta-me centrar o olhar naquilo que, segundo o Evangelho, incontestavelmente foste. A partir daí, o que me parece difícil vai ao lugar. A tua própria pessoa, o teu comportamento, manifestam que Tu não és daqui e que não Te posso julgar segundo as leis deste mundo. Tu sabes de onde vieste e para onde vais (João 8,14). Os dois extremos da tua vida, a tua vinda e a tua partida, os dois instantes em que o céu e a terra devem ter-se tocado, iluminam-se a partir do centro, lá onde Te vejo ser e agir.

Dom do Alto, Tu só podes descer. Tens o peso de qualquer grande dom. Tu «desceste do céu» como diz o Evangelho (João 6,33 e 38) e continuas a descer. Está tudo neste movimento: descer, ir ao encontro dos que estão mais abaixo e parecem inatingíveis. Deste modo, a palavra «dom» não explica apenas de onde vens. É também preciso compreender para onde vais. Tu voltas para o Pai, de onde vieste, mas voltas para lá num mesmo movimento de dom. Poderíamos chamar subida a este retorno, mas na realidade só reencontras o Pai ao esgotar totalmente o dom. Perante o peso deste amor – amor do Pai que Te oferece aos homens, o teu próprio amor que faz com que Te ofereças – a morte já não tem qualquer poder. Foi atravessada a barreira intransponível. Podemos perguntar-Te agora onde vais, pois foi aberto um caminho. Voltaste para junto do Pai e contigo agora também nós passaremos.

Foste muitas vezes discreto sobre Ti mesmo. Para falar da origem e do fim da tua vida utilizaste expressões misteriosas. Era intencional. Era preciso que fôssemos a Ti pela fé. Cabe-nos agora adivinhar o sentido desta discrição.

Onde está a vossa fé?

Não sendo a fé primeiramente adesão a verdades nem submissão a uma afirmação que não pode ser verificada, é essencialmente confiança, entrega de si a um outro, à sua palavra ou ao que ele é capaz de fazer. Aquele que crê deixa de avaliar tudo em relação a si próprio. Não olha para si. Abandona-se.

No entanto, o dom da fé em Cristo só pode crescer apoiando-se num conhecimento. À medida que avanço, torna-se-me indispensável compreender melhor o que, à partida, me atraiu para Ele e me levou a dar-Lhe a minha confiança. A palavra hebraica para conhecimento expressa mais uma comunhão entre pessoas do que uma aproximação intelectual. Ao querer conhecer a Cristo, procuro aprofundar o que posso saber sobre Ele, como os Evangelhos falam d'Ele e como os outros escritos do Novo Testamento O apresentam vivo.

Numa das passagens mais pessoais que alguma vez escreveu (Filipenses 3,4-11), São Paulo passa sem dificuldade da fé em Cristo ao conhecimento de Cristo. Se a fé o faz abandonar tudo aquilo de que se podia vangloriar para se confiar apenas a Cristo, esta fé torna-se necessariamente conhecimento pessoal de Cristo, no concreto da vida, conhecimento do poder da sua ressurreição e comunhão com os seus sofrimentos.

Dado que Cristo não é uma figura do passado e que viver com Ele não tem nada de estático, a confiança será sempre uma das características da fé, pois seremos constantemente confrontados com situações imprevisíveis. A própria vida nunca nos deixa no mesmo lugar. Ainda por cima, o próprio Cristo chama-nos a segui-LO para onde Ele nos precede.

Ninguém pode abastecer-se de confiança. É verdade que podemos conseguir uma certa serenidade ou tornar as nossas convicções mais sólidas. Podemos impregnar-nos da palavra «confiança» e redizer textos que dela falam. Mas a confiança que temos em alguém vive-se sempre no caminho. Este caminho conduz-nos a situações inéditas, torna-se por vezes quase impraticável, pode mesmo descer a uma escuridão onde parece faltar todo o apoio sensível. É então que só Ele conta. É ainda impossível olhar para nós próprios. Resta-nos escutar o pouco que se ouve da sua voz, a pequena centelha que discernimos da sua luz. Por vezes, a angústia pode tornar-se tal que deixamos de ver ou ouvir seja o que for.

Como pôde Jesus repreender «a pouca fé» dos seus discípulos (Mateus 6,30; 8,26; 14,31; 16,8) em tais situações? Será possível medir a fé? Os discípulos deveriam ter tido mais (ou uma reserva maior de) confiança? Em que é que a sua fé foi insuficiente? Jesus teria querido que eles se mostrassem capazes de fazer face ou de resolver a situação por si próprios? É aliás estranho que o evangelista Mateus tenha colocado lado a lado a repreensão pela «pouca fé» e a promessa de uma «fé como um grão de mostarda» (17,20). Se a fé, em si, é quase nada, porquê criticar os que têm pouca fé?

Será que a fé dos discípulos devia ter crescido ao ponto de superar a situação e a dominar? Mas uma atitude dessas não seria coerente com o espírito do Evangelho, com a confiança simples de homens e mulheres pobres. Talvez a expressão «pouca fé» exprima acima de tudo uma confiança demasiado limitada, que tivesse ficado a meio caminho, como se houvesse domínios onde não pudéssemos depender de Jesus, uma confiança que tivesse limitado o poder de Jesus ao que é unicamente espiritual ou interior e não fosse capaz de reconhecer a sua presença na Criação ou na História. Os discípulos não foram suficientemente longe. Voltaram ao que lhes parecia possível, em vez de ousar avançar apenas com quase nada, só com Jesus. A sua confiança tinha vistas curtas.

Guardo na memória certas pessoas que mesmo tendo experimentado a dúvida se empenharam com uma grande audácia. Souberam dar prioridade à pouca luz contida na fé. Essa pequena luz tinha para elas infinitamente mais peso que as argumentações mais inteligentes que se lhes ofereciam. Conseguiram assim chegar longe e nunca parar. Uma fé plena pode ser ao mesmo tempo uma fé pequenina. Uma fé que se apercebe de tudo o que a pode perturbar, mas se recusa a deixar-se dividir, limitando-se a uma parte da vida. Repousa inteiramente naquele em Quem crê. Não se funda em si mesma. Só O tem a Ele. E a Ele, não O pode fixar, fechar, reduzi-Lo à sua própria medida. Ele vai sempre à frente, dando-nos a impressão de não ter fé suficiente.

Ao contar a história da tempestade acalmada à sua maneira, São Lucas substitui a repreensão de Jesus aos seus discípulos («porque temeis, homens de pouca fé?») por uma pergunta: «Onde está a vossa fé?» (Lucas 8,25). Lucas atenua a repreensão e desejaria uma resposta do leitor. Gostaria de me imaginar numa situação semelhante e ouvir eu próprio a pergunta de Jesus. Parece-me que não poderia deixar de responder: «Mas és Tu a nossa fé». É evidente que em nós há falta de fé. Ela nunca está à altura do dom que nos foi entregue e não consegue fazer face a acontecimentos críticos. Mas quanto Tu estás presente, eu creio. Tu carregas tudo, inclusive a minha falta de fé. A Tua presença é presença de fé.

A história do pai da criança epiléptica referida no início desta reflexão mostra ainda melhor até que ponto Jesus está próximo daquele que não pode crer. O pai tinha-se aproximado de Jesus dizendo: «Se podes alguma coisa, socorre-nos, tem compaixão de nós» (Marcos 9,22). Jesus devolve ao pai as palavras «se podes», acrescentando: «Tudo é possível a quem crê.» No fundo diz-lhe praticamente: «Cabe-te a ti ter confiança». No entanto, não ficou à espera, pôs-se ao lado deste pai e quando ele não conseguia acreditar, carregou também isso aos seus ombros. Acreditou com o pai e assim o impossível aconteceu. Deste modo, não devemos pensar que uma fé enfraquecida está longe de Jesus. Ele próprio vem em auxílio dos que têm dificuldade em acreditar.

Uma fé sem fingimento

Na segunda epístola a Timóteo, São Paulo evoca a fé sem fingimento de Timóteo (1,5). Uma fé sem fingimento é literalmente uma fé não hipócrita, uma fé sem hipocrisia. Trata-se de uma fé que não admite incoerências entre aquilo em que se acredita e o que se vive. Compreendemos que São Paulo louve isso em Timóteo. Quem não faria, ao ver alguém que assume todas as consequências da sua fé? Opostamente, recusar pô-las em prática desacredita todas as palavras da fé.

Mas também pode haver uma outra forma de hipocrisia: utilizar a fé para o que ela não oferece, procurar passar-lhe à frente com teorias mais atractivas, mais interessantes, mais subtis, confrontar Cristo com causas que se afastam do Evangelho. Se é verdade que qualquer fé desabrocha quando é posta em prática e quando é esclarecida, a fé não pode ser ela própria posta ao serviço de determinados interesses. O que ela dá permanece do domínio da fé. A fé perde a sua natureza mal é transformada em ideologia ou gnosticismo.

No plano intelectual, por exemplo, a fé está na base de toda e qualquer reflexão. Nunca será mais que uma fé pobre, recebida sempre de novo. Não nos podemos afastar desta base. No domínio da vida espiritual, as pessoas com maior discernimento não param de repetir que não são os sentimentos ou as experiências extraordinárias que alimentam a comunhão com Deus. Esta vive-se sempre a partir de uma simples abertura, pois a comunhão com Deus só pode oferecer-se gratuitamente, ultrapassando de longe tudo o que possamos ter feito. Como diz São João da Cruz no princípio de Subida do monte Carmelo: «A fé, só a fé, é o meio mais próximo e mais proporcionado de unir a alma a Deus.»

Misteriosamente, é esta fé pobre, «só esta fé», que pode tornar-se fonte de reconhecimento. Parece tão pouco e o que oferece aparentemente vale tão pouco na vida do mundo. E, no entanto, como podemos agradecer devidamente termos sido atraídos para Cristo, termos aprendido a conhecê-Lo pessoalmente e termos recebido d'Ele uma certa luz no coração? Reconhecimento pelo dom da fé, mas reconhecimento também pelo dom que é o próprio Cristo. Pois querendo dizer-nos o que Ele próprio é, Deus não poderia ter ido mais longe do que o que fez em Cristo.

Ao escrever a uma igreja – à de Colossos – onde se exploravam outras fontes de certezas para além das dadas pela fé, São Paulo, cada vez que faz o ponto da situação e em cada uma das suas exortações, acrescenta de forma significativa um apelo à acção de graças (Colossenses 1,12; 2,7; 3,15; 4,2). De facto,

mesmo quando se sente muito fraca, a fé fortifica-se mantendo os olhos abertos a tudo o que nos foi dado e conscientemente dando graças por isso.

Assim, uma fé sem fingimento não é uma fé ingénuo que recusa avançar e encarar as questões de frente. Pelo contrário, é uma fé que se deixa levar pelo reconhecimento e que, desta forma, mantém acesa a pequena chama depositada no coração. O despojamento de uma fé assim não tem nada de triste nem de austero, pois não corresponde a um sentimento estranho de não se receber o suficiente. Antes chama a que cada vez mais vivamos uma relação pessoal com Cristo no mesmo sentido em que São Paulo dela fala aos Filipenses: «Considero que tudo isso foi mesmo uma perda, por causa da maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor» (3,8). Se há felicidade na fé – e os primeiros cristãos consideravam-se felizes por acreditar –, essa felicidade não vem unicamente das perspectivas abertas pela fé. Vem também do conhecimento de Cristo, numa comunhão concreta e íntima com Ele.

Certamente, a nossa fé inclui também elementos mais impessoais. O mistério da criação e o da presença do Espírito nessa criação remetem para dimensões de infinito que nos ultrapassam. No diálogo com religiões da Índia, mas também perante as ciências exactas, é importante ter bem consciência disto. Por isso, a descoberta de Cristo, a relação com Ele, o olhar que procura a sua face, será sempre o coração da fé. Os elementos mais impessoais esclarecem-se a partir do centro. Assim São Paulo situa Cristo na sua relação com o universo tal como foi criado em todas as suas dimensões e a sua história (Colossenses 1,15-20) e ao mesmo tempo considera os seus próprios sofrimentos uma forma muito pessoal de comungar do destino que ainda está reservado a Cristo neste mundo (Colossenses 1,24). A partir do fogo que arde no seu coração iluminam-se as perspectivas mais longínquas.

A adoração

No fim do Evangelho segundo São Mateus, a aparição de Cristo ressuscitado marca os discípulos presentes a tal ponto que estes se ajoelham diante d'Ele num gesto de adoração. O evangelista nota que «alguns ainda duvidavam» (Mateus 28,17). No clímax do Evangelho é assim claro que Deus não se impõe nem força ninguém. Cada pessoa mantém-se livre, inclusivamente aquele que hesita.

Encontrar lado a lado a adoração e a dúvida pode ajudar-nos a compreender melhor tanto a adoração como a fé. A adoração não é aquilo que muitas vezes imaginamos, uma prostração forçada como se nos encontrássemos diante de um poder de tal forma superior que não podemos fazer outra coisa senão ceder e curvar-nos. Também não se confunde com um gesto ritual que pode não passar de um movimento exterior. Ainda que se exprima tipicamente por um movimento corporal (na Bíblia: prostrar-se), a adoração vem do interior, como tão bem nos mostrou a história do cego de nascença. Este homem, que finalmente pode ver, já não precisa de olhar Jesus na medida em que a sua cura o ilumina interiormente e prostra-se (João 9). Tomé também já não precisa de meter o dedo nas chagas. Saber-se reconhecido na dúvida ultrapassa qualquer constatação material. De Tomé passa a brotar apenas adoração (João 20).

Noutras partes do Evangelho segundo São João Jesus fala de uma adoração «em espírito e verdade» (João 4,23-24). A expressão «em espírito» quer dizer em primeiro lugar: segundo a natureza espiritual de Deus – Deus é espírito –, logo sem estar ligado a nenhum lugar em particular nem a nenhuma representação exterior. Mas a expressão não pode deixar de querer igualmente dizer que esta adoração é animada a partir do interior pelo Espírito, por esse Espírito que nos sincroniza interiormente com Deus. E se «em verdade» indica certamente uma oposição a todo o conhecimento ainda imperfeito de Deus, ainda assim não podemos excluir a ideia de que nesta expressão a verdade seja também aquela da qual o ser humano está intimamente convencido. Trata-se de uma adoração autêntica, sentida interiormente como legítima e em nada forçada.

No entanto, a simples palavra «adoração» pode facilmente levar a crer que há nela algo de elevado, reservado aos que têm uma fé forte. Uma máxima de São João da Cruz pode ajudar-nos a compreender melhor o que se deve entender por adoração: «O Pai só disse uma palavra. Foi o seu Filho. E no silêncio eterno Ele não pára de a dizer. Cabe-nos então escutar também esta palavra no silêncio.»

O silêncio de Deus representa uma provação para aqueles que querem acreditar. É verdade que este silêncio prova que Deus não se impõe a ninguém, mas para muitos Deus é demasiado silencioso. Os que falaram em seu nome trouxeram ideias precisas e um conhecimento da sua vontade, mas não desvendaram a sua verdadeira natureza, nem abriram o seu coração. Para isso foi preciso esperar o seu Filho. Com Ele, Deus quebrou o silêncio. Com Ele, foi tão longe quanto possível para dizer Quem é, dizê-lo não por palavras, mas por uma vida humana como a nossa, uma vida que se dá. Não poderia ter ido mais longe. Nada poderia mostrar tão bem quem Ele é desde o princípio dos tempos e a que ponto ama.

É esta palavra única que ecoa agora sem parar. Deus não acrescenta mais nada. Disse-a uma e outra vez. Neste sentido, podemos dizer que ela ressoa no silêncio, a ele não se sobrepondo quaisquer outras afirmações. Para a receber, a alma deve habituar-se a este silêncio, ultrapassar a procura de respostas rápidas ou de soluções fáceis. A palavra vem do coração de Deus, abre o seu coração e procura o nosso, apelando ao que está no fundo de nós. Ela passa de coração em coração.

O que entendo é, então, que só n'Ele há amor. Vou ouvir isto uma e outra vez. Por muito que eu me aproxime de Deus, nunca compreenderei inteiramente esta verdade. Devo acolhê-la renovadamente no silêncio, num silêncio que procura encontrar o próprio silêncio de Deus.

Compreender a vinda de Jesus tendo este silêncio como pano de fundo predispõe à adoração. Só o simples facto de o silêncio ter sido quebrado perturba-nos. Deus não permaneceu calado, quis dizer uma palavra não do Alto, mas através de uma existência como a nossa, como que por baixo. E o conteúdo dessa palavra perturba-nos mais ainda: afinal é este o valor que temos aos olhos de Deus, é este o segredo da criação! Deus foi tão longe quanto isto! Mas, com que respeito estas coisas nos foram ditas. Nada nos foi imposto.

As nossas conversas interiores, as nossas argumentações de que se alimenta a dúvida parecem imediatamente deslocadas. O que Deus diz através da vinda de Jesus – ainda que isto nos chegue apenas sob a forma do «murmúrio de uma brisa suave» (1 Reis 19,12) – tem infinitamente mais peso do que o que possa surgir no nosso íntimo. Somos reconhecidos mais profundamente do que pela nossa própria consciência. Não podemos deixar de nos calar e de nos abandonar, de nos prostrar.

Da mesma forma que, para muitos, a consciência de ter apenas pouca fé não os impede de agir com uma confiança grande e audaciosa – pois põem em primeiro lugar esse pouco que os ilumina – o mesmo acontece com a adoração: dá-se prioridade ao que nos cativou e foi suficiente para nos perturbar. Uma fé consciente da sua fragilidade pode facilmente regredir, reduzir-se à medida humana. Mas isso seria ir contra a natureza da fé. Na natureza da fé está a atracção para aquilo que está para além, para um encontro, para a adoração.